

CURSO PRESENCIAL

“RELAÇÕES INTERPESSOAIS NAS UNIDADES ESCOLARES”

* Nílson José Machado

1 - A cebola e a alcachofra

Vivemos a platitudo do dia a dia, mas apostamos na permanência, na eternidade. Acreditando ou não em deuses, buscamos um sentido para a vida, para nossa ação pessoal. Cada um de nós é filho, irmão, pai, contribuinte, aluno, professor, marido, consumidor, cidadão, elegível, eleitor etc. O feixe de papéis que representamos nos caracteriza como pessoa. Uma questão complexa é decidir se resta algo além de tais camadas de nosso ser ou se nos limitamos a elas. Tal dúvida ontológica pode ser ilustrada por meio do recurso à horticultura.

Retirando uma a uma as pétalas de uma cebola, nada resta da mesma, ao final: uma cebola é o conjunto de suas pétalas. Numa alcachofra, no entanto, após saborearmos uma a uma de suas pétalas, resta um fundo saboroso, que representa o que nela há de mais valioso. Toda ontologia pode ser resumida, portanto, a uma decisão fundamental: o que somos nós, além dos papéis sociais que representamos?

Em outras palavras, uma pessoa é como uma cebola ou como uma alcachofra?

2 - Pessoaalidade e protagonismo

Constituímo-nos como pessoas representando papéis com os outros ou para os outros. Iguais como cidadãos, somos diferentes como pessoas. A sociedade é um vasto sistema de atribuição de papéis. O que nos caracteriza como pessoa é o feixe de papéis que representamos. Em alguns deles, somos protagonistas; em outros, meros coadjuvantes; em todos eles temos o dever moral de oferecer o que temos de melhor.

É muito frequente um discurso sedutor que situa o protagonismo como objetivo da ação educativa: trata-se de um clamoroso equívoco.

Em uma peça ou um filme o protagonista é o ator principal: se todos forem protagonistas, ninguém o será. Em vez de buscar o protagonismo a todo custo, uma pessoa bem formada representa bem todos os papéis que lhe são atribuídos e que conscientemente aceita. Na vida, como no cinema, há prêmios tanto para os protagonistas como para os coadjuvantes.

Uma boa educação nos faz compreender perfeitamente que a pessoaalidade é perene e que todo protagonismo é passageiro.

3 - A autoridade do professor

Autoridade e *autoria* derivam da palavra latina *augere*, que significa *aumentar*. O autor é um aumentador do mundo e a autoridade se associa à criação de ordem, à responsabilidade de iniciar algo novo em alguém.

Em sua função, o professor exerce uma autoridade peculiar. Ele não pode ter projetos pelos alunos, mas é responsável pelo que neles inicia. Para bem ou para o mal, influenciar os alunos é inerente à ação do professor.

Se a autoridade do pai está associada à criação em sentido estrito, se enraizando no passado, a do professor se situa no presente e se volta para o futuro. Deriva do risco de quem observa um ovo e prefigura um pássaro; da responsabilidade de contar os frutos latentes em uma semente.

A contaminação da autoridade pelo autoritarismo decorre da má delimitação do âmbito em que é exercida: extrapolá-lo desfigura a autoridade e conduz ao autoritarismo.

Simetricamente, quando o professor abdica da autoridade que lhe compete, comete um crime previsto em lei: a prevaricação.

Observação: texto extraído do livro
“Ética e Educação” (São Paulo: Ateliê, 2012)

* Nílson José Machado, professor da Universidade de São Paulo (USP), autor de diversos livros, entre eles, “Ética e educação”, “Educação e autoridade” e “Educação – Competência e qualidade”.



SINPEEM
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP